

IMAGENS DA REVOLTA

IMAGES OF PROTESTS

Nesta seção, o registro fotográfico assume o protagonismo enquanto abertura de possibilidades para o conhecimento nas Ciências Sociais. A fotografia “Traço de um real” (DUBOIS, 1993) materializa uma parte do jogo de luzes que irá incidir e apresentar, em dado momento histórico e lugar, as nuances do visto e do não visto, as condições de existência do “visível” e do “enunciável” que constituem as práticas discursivas acerca dos acontecimentos (FOUCAULT, 2009).

O uso das novas ferramentas e tecnologias digitais de informação e comunicação – em particular, da novidade que conecta internet e telefonia móvel – tem um papel fundamental na sociedade atual e configura-se enquanto elemento central na compreensão desse contexto de protestos em 2013.

Tais novas configurações possibilitaram a emergência de circunstâncias não antes vistas de difusão das ações coletivas. Representantes paradigmáticos desse processo, fotojornalistas, mídia jornalistas/mídia ativistas/mídia livristas destacaram-se em 2013, tanto em função de sua contribuição na ampliação e difusão das manifestações por meio do compartilhamento de imagens via internet quanto pelo papel que desempenharam fornecendo material apto a contrapor narrativas por meio da transmissão de imagens e de *lives* que comunicavam em tempo real as manifestações. Suas lentes e seus registros serviram não somente como instrumento amplificador e caixa de ressonância de vozes invisibilizadas nas demandas por direitos, mas também como meio de prova em processos judiciais que tentavam caracterizar como crime a prática ativista.

Os registros fotográficos desta coleção da Parte II do “Dossiê 10 anos das Jornadas de Junho: as múltiplas dimensões e desafios da revolta social” foram escolhidos e comentados por Júlia Mariano. Mdiativista em 2013, ela dirigiu a série documental *Desde Junho* e atualmente trabalha como pesquisadora na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), investigando o conceito de “Arquivos da Multidão” com base nos registros dos protestos de 2013 e 2014. Por meio do seu olhar, entramos em contato com as experiências vividas naquele período e com os questionamentos e as percepções sobre a história e a memória dos acontecimentos.

Substância fundamental na construção de significados, as imagens nos colocam em uma relação com o mundo. Assim, em vez de somente representar os acontecimentos, as fotografias aqui expostas também nos impulsionam a questioná-los. Quais são as condições de existência que possibilitam esse encontro da luz com as coisas, produzindo o registro dos acontecimentos e permitindo que eles apareçam na cena pública? Como a fotografia pode influenciar o debate político e a conflitualidade? Qual o papel das mudanças nos modos de circulação e produção das imagens, com o uso massivo de novas ferramentas e tecnologias digitais de informação e comunicação?

Novamente provocamos o exame atento e os questionamentos de nossos leitores através das imagens. Como assinala Susan Sontag (2004), as fotos produzem uma gramática, uma “ética do ver”,

modificando e ampliando nossas ideias “sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar”.

Brena Costa de Almeida

2013 e seus momentos destituíntes¹

O convite para comentar algumas fotografias de 2013 para o “Dossiê 10 anos das Jornadas de Junho: as múltiplas dimensões e desafios da revolta social” da revista *Desigualdade & Diversidade*, surgiu no momento em que investigo o conceito de “Arquivos da Multidão” no material de arquivo imagético-audiovisual dos protestos de 2013 (pesquisa de mestrado na ECO/UFRJ). O termo imagético-audiovisual se refere ao material que analiso para além dos vídeos, como fotos e transmissões ao vivo realizadas durante os protestos. Esses arquivos estão disponíveis *on-line* ou foram realizados por midiativistas do Rio de Janeiro e primeiramente compilados para a realização da série documental *Desde Junho*.² Tais arquivos trazem na potência da imagem, possibilidades de releituras desse momento histórico.

Atuei como midiativista em 2013,³ fazendo principalmente transmissões ao vivo, e em 2017 dirigi a referida série documental – retornando a parte desse material de arquivo. Foi no processo de montagem da série que me dei conta dos múltiplos pontos de vista disponíveis de uma mesma cena histórica, ao perceber na imensidão de arquivos imagéticos produzidos por câmeras e celulares os distintos olhares espaciais, geracionais e ideológicos sobre os protestos. Dessa percepção, surgiu a seguinte pergunta: como constituir história e memória de um acontecimento hiperfilmado e hiperdifundido como o de 2013?

Retornei, então, ao material de arquivo, analisando-o enquanto documento histórico e indagando as possíveis disputas contidas nessas imagens. O termo destituínte, que proponho no título, se refere aos momentos eleitos para análise nessa seleção. O filósofo Giorgio Agamben nos diz o seguinte sobre o conceito de poder destituínte:

Enquanto um poder constituinte destrói a lei apenas para a recriar sob uma nova forma, o poder destituínte, na medida em que depõe de uma vez por todas a lei, pode realmente abrir uma nova época histórica. [...] esta não é apenas uma tarefa teórica: significa antes de mais nada a redescoberta de uma forma-de-vida e o acesso a uma nova figura dessa vida política cuja memória o Estado Securitário tenta a todo o custo apagar. (AGAMBEN *apud* CARVALHO, 2014).

¹ Usamos aqui o conceito de Giorgio Agamben. Ver AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. O uso desse conceito para o caso chileno foi feito, entre outros, por KARMY, Rodrigo. *El porvenir se hereda: fragmentos de un Chile sublevado*. Santiago: Sangría, 2019.

² Disponível em: <https://desdejunho.jurubebaproducoes.com.br/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

³ Colaborei com diversos coletivos de mídia independente no Rio de Janeiro entre 2013 e 2014. Durante os protestos de junho e julho de 2013 atuava com o Mídia Ninja.

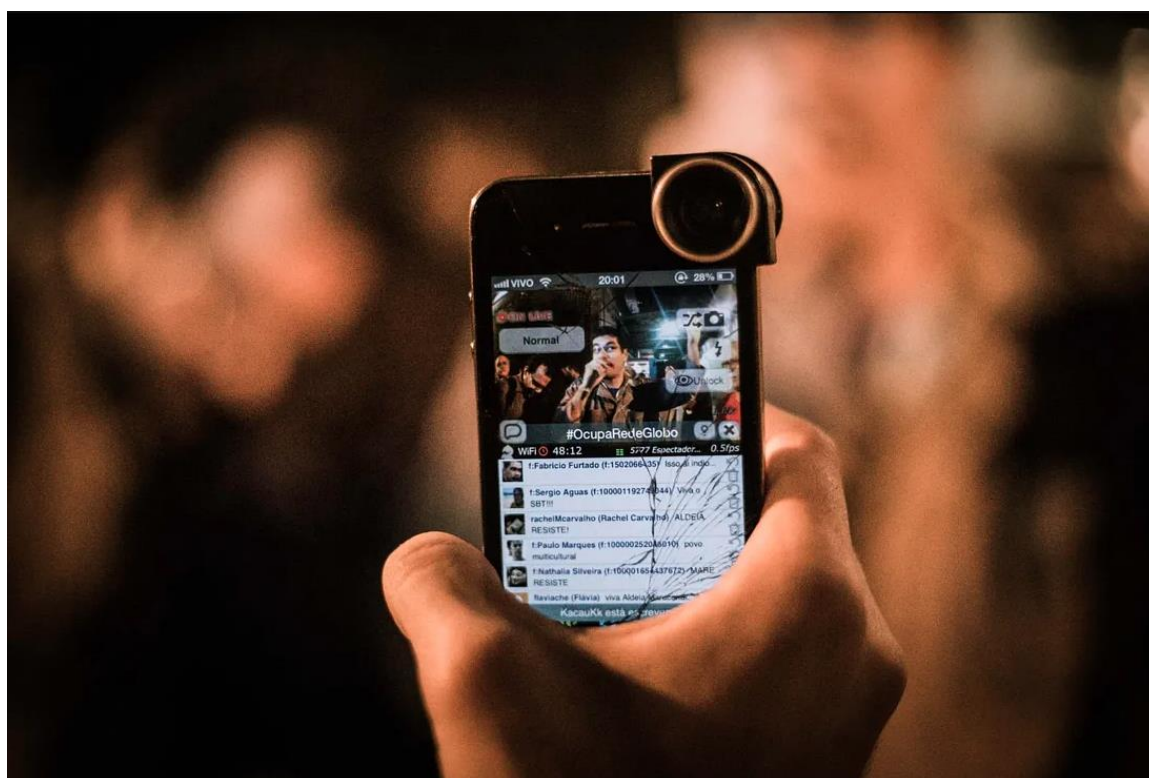


Proponho uma reflexão acerca dessa “forma-de-vida” que nos fala Agamben através das imagens de arquivo de 2013. Pensar a pulsão destituente de 2013 se torna uma tarefa árdua quando se coloca em perspectiva o ocorrido no espaço-tempo entre as manifestações de junho e as últimas eleições presidenciais de 2022. Quem apoia a forma democrática de vida e o estado de direito viu, nesse tempo, esvair-se quase por completo o pouco de democracia que conseguimos constituir. A dificuldade que as redes sociais trouxeram para o tabuleiro, acrescenta outra questão sobre como olhamos para essas imagens hoje.

Não pretendo, nem de longe, explicar 2013 ou seus efeitos políticos. A proposta é, com base nas imagens selecionadas, rever alguns momentos das manifestações no Rio de Janeiro, que duraram para além de junho. A seleção das imagens parte da minha memória pessoal como midiativista. Elegi momentos que me marcaram enquanto ativista autonomista, nos movimentos autonomistas/neoanarquistas a que pertenci, tendo em conta o que Angela Alonso (2023) chamou de rede cívica solidária.

Além disso, sigo também as pistas que nos aponta Vladimir Safatle (2023), ao afirmar que “o apagamento da sequência insurrecional do século XXI é parte de uma estratégia mais ampla de limitação da imaginação política das massas” (p. 3); e de Dilma Rousseff (2023), que, ao escrever sobre 2013, afirma: “Um dos grandes desafios da esquerda brasileira [hoje] é reconstituir uma perspectiva antissistema, de radicalização da democracia” (p. 9). Nesse sentido, proponho-me a olhar novamente para essas imagens e refletir sobre o que de destituente há nelas.

Celular em risco



Membro do Mídia Ninja segura seu celular durante a manifestação conhecida como #OcupaRedeGlobo. Rio de Janeiro (RJ), 2013. Foto: Thiago Dezan (Mídia Ninja).

Na imagem, alguém segura um *smartphone* em “plena ação”, durante uma transmissão. Chama a atenção a tela quebrada, a pouca bateria e a lente grande angular posicionada sobre a câmera do aparelho. “Celular de midiativista tem sempre uma telinha quebrada”, dizia-se. A pessoa que segura o celular nesta fotografia era um membro do Mídia Ninja⁴ e a “telinha quebrada” era fruto de muitos embates entre ativistas e as forças de segurança nas ruas do Rio de Janeiro. Por meio do celular que aparece na fotografia, é possível verificar que mais de 5 mil pessoas acompanhavam o manifesto #OcupaRedeGlobo pela transmissão, que seguia por quase uma hora, como revela a duração de “48:12”. A energia para transmitir “tudo” era tamanha que nos revezávamos com os celulares, entre muitas e muitos, que viam naquele gesto uma forma de romper com o monopólio da verdade, controlado pelos grandes veículos de comunicação, desde sempre, no Brasil.

Uma extensão do olhar do manifestante, uma ação para mostrar “o que a TV não mostra”, uma forma de proteção ou uma arma de coerção do abuso policial, os celulares eram empunhados constantemente nas ruas. Talvez possamos dizer que o punho cerrado, gesto característico de atos antirracistas e progressistas, tenha se transformado em 2013 no “celular em riste”, tamanha a repetição durante os protestos.

O “celular em riste” é o gesto e a imagem dessa nova ordem comunicacional que se estabelece em 2013. Um fluxo difuso e descentralizado, que funciona na lógica do *peer-to-peer*⁵ e rompe com a dinâmica vertical de narrativas impostas, mas que também abre espaço para a desinformação e as *fake news*. Um ato destituente do poder da grande imprensa, que abarca em si, consequências para além daquelas pretendidas pelos ativistas da mídia livre.

Leticia Cesarino (2022) aponta que essa transformação vivida no início do século XXI deflagrou um sistema cibernético de relações no mundo:

[A explicação cibernética] [...] se ancora na materialidade das novas mídias: um complexo aparato cibernético que vem crescendo silenciosamente, tanto em extensão (ocupando cada vez mais espaços) como em capilaridade (na relação com os usuários). Esse complexo vai pouco a pouco se emaranhando com nossas próprias infraestruturas cognitivas: aquelas camadas da experiência humana que escapam de nossa consciência reflexiva. (p. 17).

O gesto do celular em riste é a representação dessa nova forma de comunicação no mundo que altera, inclusive, a maneira como entendemos esse mundo. Seria, então, “uma nova época histórica”, como sugeriu Agamben (*apud* CARVALHO, 2014), o que experimentamos atualmente?

⁴ Sobre o Mídia Ninja, ver: MÍDIA Ninja. *Wikipédia*, 8 fev. 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_Ninja.

⁵ *Peer-to-peer* (P2P) é uma forma específica de dinâmica relacional baseada na suposta equipotência de seus participantes. Ela é organizada através da cooperação livre de colaboradores em prol do desempenho de uma tarefa comum ou para a criação de um bem comum. No P2P, as formas de tomada de decisão e a autonomia dos participantes são amplamente distribuídas ao longo da rede. Ver: PROCESSOS colaborativos peer-to-peer. *Wikipédia*, 29 nov. 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Processos_colaborativos_peer-to-peer.



A Batalha da Alerj



Incêndio nas imediações da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), 2013. Foto: Júlia Mariano.

Nesta fotografia que tirei quando cheguei à Rua Primeiro de Março, em junho de 2013, no centro do Rio de Janeiro (RJ) – durante o episódio que ficou conhecido como “A Batalha da Alerj” – é o que resta do meu ponto de vista desse dia. A fotografia ficou salva porque enviei para amigas que não quiseram me acompanhar até lá, por medo do que se escutava nas ruas de “que a Alerj tava [sic] pegando fogo”. Eu, que estava muito encantada com o que via pelas ruas naquele dia, quis ver de perto o que estava acontecendo na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). Lembro o terror de não conseguir respirar, por conta das bombas de gás, e do medo dos tiros “de verdade” que os policiais lançavam contra a multidão. Lembro, sobretudo, a sensação “de que tudo é possível”, que me marcou profundamente.

O dia 17 de junho de 2013 foi um ponto de virada nas manifestações de rua que vinham acontecendo desde o final de maio. Até esse dia, os protestos não haviam reunido uma multidão. Estavam crescendo em número de pessoas e cidades, mas foi no dia 17 que a multidão tomou as ruas.⁶ Foi também nesse dia que a simultaneidade dos diferentes se fez forte e, para muitos, perturbadora. A rua era disputada pelos autonomistas, ou neoanarquistas, pelos neossocialistas,⁷ pelos representantes dos partidos, pelos apartidários, pelos que nunca haviam ido a uma manifestação de rua antes, pelos que estavam contra “tudo isso que está aí” – grupo heterogêneo que reunia atores sociais muito distintos,

⁶ Angela Alonso (2023), em seu livro *Treze: a política de rua de Lula a Dilma*, aponta o 17 de junho 2013 como o dia em que “a multidão pela primeira vez compareceu” (p. 179) e estima um total de 39 cidades com protestos que reuniram mais de 320 mil pessoas nas ruas.

⁷ Esses termos são definidos por Angela Alonso (2023).

os quais variavam de posições políticas, mas que ainda não se reconheciam enquanto “nova direita” ou extrema direita. É importante ressaltar que nas ruas, em 2013, houve uma mistura de muitos desejos e afetos políticos, mas que ali ainda não haviam delimitado nenhum contorno ideológico claro. Os discursos às vezes se mesclavam. O guarda-chuva anticorrupção era o que mais agregava gregos e troianos, mas havia uma clara diferença entre a estética e a *performance* política dos autonomistas e do resto dos manifestantes. Vestidos de preto, comunicando suas demandas por jograis, insistindo em sua horizontalidade ao negar qualquer liderança e apostando na tática *black bloc* como defesa contra a violência policial e capitalista, os autonomistas talvez representem em gesto e estética a ideia de destituente proposta por Agamben (2015).

Na esteira das transformações experimentadas pelo país desde o início dos anos 2000, a forma de fazer política dos autonomistas acompanhava o que Jorge Vasconcelos (2023) identifica como “um país de afloramento de desejos, liberação de devires criativos, redefinição da distribuição e dos lugares estabelecidos na organização da produção social” (p. 81). “Uma explosão de todo o limite subjetivo” (p. 84) que impulsionava a ocupação das ruas e o enfrentamento. “A Batalha da Alerj” tocou nesse limite, gerou forças destituíntes e desorganizou o óbvio.

Observando a imagem que eu fiz desse momento, um detalhe me chama a atenção: a fumaça que sobe faz a escadaria e parte da pilastra do prédio da Alerj esvanecerem. De alguma forma, essa fotografia não só capta, mas também produz a própria destituição da lei ao apagar a imagem da instituição legislativa. Nesse sentido, a fotografia é também uma “imagem destituínte”.

Leblon em Chamas



Incêndio no bairro do Leblon, Rio de Janeiro (RJ), 2013. Foto: Thiago Dezan (Mídia Ninja).

Nessa fotografia, Thiago Dezan nos coloca no ponto de vista do fogo que incendiou (com trocadilho) as ruas do bairro do Leblon, no Rio, em 17 de julho de 2013, episódio conhecido como “Leblon em Chamas”. Um mês após “A Batalha da Alerj”, o Rio de Janeiro seguia firme e forte nos

protestos de rua. A ocupação em frente ao edifício onde residia o então governador Sergio Cabral – o Ocupa Cabral – resistia à violência policial e ao desprezo dos moradores do bairro mais rico da cidade.

Na imagem, lemos “Revolução ou morte!”, *zeitgeist*⁸ daqueles dias intensos, e vemos um manifestante que filma, assim como Dezan fotografa, as ruas incendiadas. Aqui, dois elementos chamam a atenção: a quantidade de pessoas filmando e registrando os protestos e a sensação de que estávamos em um ponto limítrofe da nossa história política. Marcos Nobre (2022), em seu livro *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*, analisa o levante de 2013 como um esgarçamento da forma de funcionamento da política brasileira, que ele define como “pemedebismo”. A crise de representação política, expressada e discutida nas ruas em 2013, questionava justamente a pouca ingerência do cidadão comum nas decisões do Legislativo e do Executivo. Tal crise de representatividade persiste até hoje, o que evidencia que o ciclo aberto em 2013 ainda não se encerrou. Se, por um lado, havia grupos discutindo como aprofundar a democracia brasileira para superar sua forma liberal e oligárquica, havia também a turma do “contra tudo isso que está aí” que desembocou na pauta “anticorrupção” e nos movimentos de direita de 2015. A diversidade das ruas em 2013, hoje comprovada por muitas pesquisas e publicações⁹ mostra o quão democrático e diverso foi esse movimento. Havia, então, múltiplos caminhos a se seguir, partindo da explosão insurrecional de 2013, como o que levou à formação de uma “nova direita” brasileira, aglutinada no guarda-chuva da pauta anticorrupção. E também o caminho de uma “nova esquerda”, formada por autonomistas, que gerou, por exemplo, a ocupação das escolas pelos secundaristas entre 2015 e 2016.

Acontece que o antissistema autonomista e o antissistema conservador são coisas bastante distintas, apesar de terem se encontrado nas ruas em 2013. Mas parece que, hoje, ser antissistema é ser de direita. O que complexifica o conceito de Agamben (2015) e também nossa existência enquanto esquerda autônoma.

⁸ Termo alemão que significa “espírito do tempo”, trabalhado por Hegel em sua obra *Filosofia da história* (1837). O filósofo alemão “acreditava que a arte reflete, por sua própria natureza, a cultura da época em que esta foi feita. Cultura e arte são conceitos inseparáveis porque um determinado artista é um produto de sua época e, assim sendo, carrega essa cultura em qualquer trabalho que faça”. Ver: ZEITGEIST. *Wikipédia*, 8 fev. 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeitgeist>.

⁹ Há uma vasta bibliografia lançada recentemente sobre 2013; indico, em especial, o livro *Treze: a política de rua de Lula a Dilma*, de Angela Alonso, e *A razão dos centavos: crise urbana, vida democrática e as revoltas de 2013*, de Roberto Andrés.



O Casamento da Dona Baratinha



Saída da noiva na Igreja Nossa Senhora do Monte do Carmo, Rio de Janeiro (RJ), 2013. Foto: frame do vídeo de Leo Nabuco.¹⁰

Matrimônio amplamente divulgado nas colunas sociais do Ceará, o casamento de Beatriz Barata com Francisco Feitosa Filho, na noite do dia 14 de julho de 2013, não havia sido divulgado pela imprensa carioca. Quis o destino que uma dessas notas de coluna social cearenses chegasse até um grupo de ativistas,¹¹ que embalado pela imaginação política das ruas, decidiu promover uma ação de escracho na porta da Igreja Nossa Senhora do Monte do Carmo, no centro do Rio. Jacob Barata Filho – que controla o cartel de transportes no Rio – casava, então, sua filha Beatriz com o filho de Chiquinho Feitosa,¹² poderoso empresário e político cearense, chefe do cartel de transportes do Ceará.

Apesar de agendado com muita antecedência, o casamento calhou de acontecer em um momento político no qual a questão do Passe Livre e das máfias dos ônibus estavam sendo amplamente discutidas na sociedade. O grupo que promoveu o escracho em frente à igreja não passava de 30 pessoas que, com muito humor, protestavam contra as denúncias de desvio de dinheiro e favorecimento do “Rei dos Ônibus” Jacob Barata, avô da noiva. Uma das manifestantes, vestida de noiva caipira, performou uma recepção aos convidados, distribuindo baratas de plástico aos que chegavam à cerimônia religiosa. Vuvuzelas ecoavam pela rua. Manifestantes cantavam paródias que relacionavam a família Barata aos crimes de corrupção pelos quais eram investigados¹³ na Operação

¹⁰ Ver: IGREJA_casamento da dona baratinha. 2013. Vídeo (5min30s). Publicado pelo canal Leo Nabuco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PfOaKJDsn3s>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹¹ Grupo que depois comporia o Atelier de Dissidências Criativas, na Casa Nuvem, na Lapa, Rio de Janeiro, entre julho de 2013 e agosto de 2014.

¹² Para mais detalhes sobre Jacob Barata, Chiquinho Feitosa e suas relações empresariais e políticas, ver: NO COPACABANA Palace, casamento de ‘Dona Baratinha’ teve protestos e dinheiro jogado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jul. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/no-copacabana-palace-casamento-de-dona-baratinha-teve-protestos-dinheiro-jogado-21546517>. Acesso em: 9 jan. 2024.

¹³ Para mais informações, ver: BAZANI, Adamo. MPF do Rio denuncia Jacob Barata Filho e outros empresários de ônibus por corrupção em investigação da Lava Jato. *Diário do Transporte*, Rio de Janeiro, 23 dez. 2019. <https://diariodotransporte.com.br/2019/12/23/mpf-do-rio-denuncia-jacob-barata-filho-e-outros-empresarios-de-onibus-por-corrupcao-em-investigacao-da-lava-jato/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Lava Jato. Em um gesto ousado, o protesto invadiu o mundo privado de figuras públicas, que não estão acostumadas a esse tipo de perturbação. À época, a colunista Hildegard Angel traçou um paralelo entre o protesto conhecido como o “Casamento da Dona Baratinha” e o 14 de Julho francês, da Queda da Bastilha. Em sua coluna, escreveu:

Acompanhar, via mídias sociais e SMS recebidos, o protesto indignado contra este casamento diante da Igreja N. Sra. do Monte do Carmo e da festa no Copacabana Palace, me fez sentir clima de Revolução Francesa, correndo um frio na espinha, um presságio ruim. E me veio à mente a princesa de Lamballe, melhor amiga de Maria Antonieta, com a cabeça espetada na ponta de uma lança, pela multidão que invadiu as Tulherias.¹⁴

Um dos manifestantes registrou com sua câmera¹⁵ o momento em que a noiva saiu da igreja, no instante completamente transformado pelo protesto. As imagens do documentarista-ativista nos mostram o desenrolar de uma ação estético-política, termo usado pelos pesquisadores e ativistas Mariana Pimentel e Jorge Vasconcelos (2023). Segundo eles, “Uma ação estético-política incide e embaralha a partilha do sensível vigente” (p. 154), suspendendo a normalidade por um instante; uma dobra da realidade, a possibilidade de imaginar outro possível. Tal escracho como forma de protesto toca no limite estruturante da democracia liberal brasileira quando escancara as relações público-privadas que a engendram e recoloca, ainda que por um breve momento, a ordem possível das coisas.

¹⁴ Ver: ANGEL, Hildegard. *Casamento de Beatriz Barata: nosso 14 de julho, nossa bastilha carioca*. Hildegard Angel. [S. l.], 14 jul. 2013. Blogue. Disponível em: <https://www.hildeangel.com.br/casamento-de-beatriz-barata-nosso-14-de-julho-nossa-bastilha-carioca/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

¹⁵ Ver: FESTA no palácio_casamento da dona baratinha. 2013. Vídeo (5min15s). Publicado pelo canal Leo Nabuco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fo5JI18ZRT0>. Acesso em: 19 ago. 2023.

Ei, polícia, cadê o Amarildo?



Manifestantes ocupam o túnel Zuzu Angel, no Rio de Janeiro (RJ), durante protesto pelo fim da Polícia Militar carioca e pelo desaparecimento de Amarildo, em 2013. Foto: Júlia Mariano.

Na mesma noite do “Casamento da Dona Baratinha”, o ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza entrou na sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha, no Rio, para nunca mais sair de lá com vida. A notícia de seu desaparecimento explodiu nas ruas do Rio de Janeiro como uma bomba. Desde o dia 20 de junho que a violência policial contra os manifestantes crescia, e o grito “Tem que acabar! Eu quero o fim de Polícia Militar” ecoava com toda força entre os manifestantes. O desaparecimento forçado de Amarildo revelava o nível de crueldade e descontrole da corporação, que havia conquistado, naqueles anos, ainda mais poder com a implementação das UPPs. As arbitrariedades cometidas pelos policiais haviam crescido junto com a quantidade de UPPs pela cidade, e a reforma da polícia era demandada, quase diariamente, nas ruas e ocupações cariocas em 2013.

O caso Amarildo representou, então, a prova de que a situação de violência policial gerada pelas UPPs no Rio de Janeiro estava insustentável e produziu o gesto de união dos protestos de rua – até então, em sua grande maioria, formado por pessoas brancas da classe média – com os movimentos de favela organizados contra a violência policial. Foi marcada, assim, uma manifestação no início de agosto de 2013, na Rocinha, com o intuito de marchar do pé do morro até a casa do governador Sergio Cabral, no bairro do Leblon. Cumprimos tal trajeto, bloqueando túneis, vias expressas e avenidas. O protesto quis marcar o desaparecimento de Amarildo como um símbolo da necessidade de se conter a violência policial nas favelas. Como considerar a democracia brasileira real, sabendo que a cada 23

minutos morre um jovem negro no país?¹⁶ Essa era a pergunta estampada em muitos cartazes nos protestos pela cidade em 2013.

A fotografia mostra uma multidão entrando em um túnel, do qual não temos uma visão de seu fim; perdemos de vista até onde ele segue. A imagem sugere uma relação um tanto óbvia do túnel como caminho que estamos trilhando até hoje. Apesar dessa primeira impressão que nos sugere o plano geral da cena, é possível focar dois gestos em um recorte do plano da foto: 1) o movimento expansivo dos braços que levantam o pandeiro acima da cabeça de um dos manifestantes e 2) o gesto discreto dos braços cruzados do manifestante que veste uma camisa vermelha, onde se lê “Red Horse”. Esse segundo gesto, discreto, dualiza o gesto expansivo do pandeiro e tensiona a imagem.

Apesar do pandeiro, o restante das pessoas na fotografia não está em festa. Essa relação entre as camadas da imagem dimensiona também as disputas das ruas, espaços compartilhados em 2013 por múltiplos grupos políticos, de diferentes campos de ativismo. A ação de bloquear o túnel Zuzu Angel é uma técnica identificada com os autonomistas, mas que no dia 14 de julho de 2013 foi realizada por um grupo heterogêneo de manifestantes que pedia o fim da Polícia Militar e justiça no caso do desaparecimento de Amarildo. Mais um momento em que a partilha do sensível vigente foi embaralhada em 2013.

Ao revisitar esses cinco momentos em imagens, identifico na dança entre minha memória e a experiência que o arquivo me provoca, a pulsão de outra “forma de vida” – da qual se referia Agamben (2015) em sua teoria do poder destituente. Essa sensação me leva à afirmação de Safatle (2023) de que “2013 é um divisor de águas do que restou da esquerda brasileira”. E me pergunto se há pistas nos “Arquivos da Multidão” de como resgatar essa pulsão antissistema da esquerda hoje.

Júlia Mariano

¹⁶ Ver: MARQUES, Marília. ‘A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil’, diz ONU ao lançar campanha contra violência. *Portal Geledés*. [S. l.], 8 nov. 2017. Disponível em: https://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia/?gclid=Cj0KCQiA35urBhDCARIsAOU7QwI4u9LSvxdSgnYSXeU5SxMFNjbzS03HcYwYF6xN3cK8cCXnYUTLWlaAg-bEALw_wcB. Acesso em: 9 jan. 2024.



Créditos das fotos

Thiago Dezan (Mídia Ninja)

Artista multimídia, trabalha principalmente com fotografia documental, cinema e trilha sonora de curtas-metragens experimentais. É cofundador do maior canal de mídia independente brasileiro, NINJA. Como *freelancer*, produziu fotos e vídeos para canais como The Washington Post, AJ+, The New York Times, The Intercept e Popular Front. Também trabalhou durante cinco anos como cineasta na Comissão Interamericana de Direitos Humanos, com sede em Washington, DC (EUA). Membro da Agência Farpa, atualmente trabalha no Rio de Janeiro.

Júlia Mariano

Atualmente cursando o mestrado na linha de Tecnologias da Comunicação e Estéticas na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), como bolsista Nota 10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela ECO/UFRJ (2006) e formação complementar em Cinema, com especialização em Direção de Documentários no curso regular da Escuela Internacional de Cine y TV de San Antonio de los Baños, EICTV (Cuba, 2005). Especializou-se também no Departamento de Documentários da Baden-Württemberg Filmakademie (Alemanha, 2007). Atua há mais de 15 anos como diretora, roteirista e produtora no mercado audiovisual, tendo desenvolvido produções autorais e independentes na área de documentários, tais como *Desde junho* e *Sementes: mulheres pretas no poder*, trabalhando especialmente com movimentos sociais no campo e na cidade. Área de atuação: Comunicação, Cinema e Direitos Humanos, Cinema e Política, Material de Arquivo, Arquivo e Política.

Leo Nabuco

Leo Nabuco nasceu no Rio de Janeiro e trabalha com fotografia e vídeo desde 2000. Estudou cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF), artes plásticas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e dança na Escola Angel Vianna, no Rio de Janeiro. No contexto das artes plásticas e performáticas, trabalhou desde 2003 com artistas e grupos como Thiago Granato, Lia Rodrigues, Tunga, Gustavo Ciriaco, Christian Duarte, Núcleo do Dirceu e Bruno Levorin, criando espetáculos, vídeos, textos e diversas ações. Atua como documentarista desde 2012, produzindo filmes sobre direito à terra, direitos humanos e violência de estado, colaborando com Joaquim Castro, Júlia Mariano e Natasha Neri. Desde 2016, dedica-se ao estudo da agroecologia e da Mata Atlântica, atuando como agricultor e reflorestador na região de Cachoeiras de Macacu, onde integra a Associação de Produtores Orgânicos de Cachoeiras Macacu (RJ).

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- AGAMBEN, Giorgio. Por uma teoria da potência destituente. *Punkto*, [s. l.], n. 7, 2015. Disponível em: <https://www.revistapunkto.com/2015/05/por-uma-teoria-da-potencia-destituente.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.
- ALONSO, Angela. *Treze: a política de rua de Lula a Dilma*. São Paulo: Companhia da Letras, 2023.
- ANDRÉS, Roberto. *A razão dos centavos: crise urbana, vida democrática e as revoltas de 2013*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- BENTES, Ivana. *Mídia multidão: estéticas da comunicação e biolíticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- BRUNO, Fernanda; MIGLORIN, Cezar. Junho de 2013, Brasil, como pensar um acontecimento?. Radio-Comum. *Media Lab UFRJ*, Rio de Janeiro, 3 nov. 2013. Blogue. Disponível em: <https://medialabufrj.net/blog/2013/11/radio-comum/>. Acesso em: 6 jan. 2024.
- CARVALHO, Luhuna. "Por uma Teoria do Poder Destituente" de Giorgio Agamben. *5 Dias.Net*. [S. l.], 11 fev. 2014. Disponível em: <https://5dias.wordpress.com/2014/02/11/por-uma-teoria-do-poder-destituente-de-giorgio-agamben/>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- CAVA, Bruno. *Multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013 (junho-outubro)*. São Paulo: Annablume, 2013.
- CESARINO, Letícia. *O mundo pelo avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu, 2022.
- COMOLLI, Jean-Louis. Como filmar o inimigo?. In: COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 121-134.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição: o olho da história*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1993.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FRANÇA, Andréa; MACHADO, Patrícia. Adendo sobre a história de três imagens tóxicas. *Doc On-line*, [s. l.], n. 29 p. 70-87, mar. 2021.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Multidão: guerra e democracia na Era do Império*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- JOURDAN, Camila. *2013, memórias e resistências*. Rio de Janeiro: Circuito, 2018.
- LEANDRO, Anita. Sem imagens: memória histórica e estética de urgência no cinema sem autor. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 12, n. 1, p. 121-134, jun. 2014.
- LEANDRO, Anita. Testemunho filmado e montagem direta dos documentos. In: DELLAMORE, Carolina; AMATO Gabriel; BATISTA, Natalia (orgs.). *A ditadura na tela: o cinema documentário e as memórias do regime militar brasileiro*. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 2018.
- LINDEPERG, Sylvie. Imágenes de archivo. La Articulación de las Miradas. [Entrevista cedida a] Jean-Louis Comolli. *Cuadernos de Cine Documental*, Santa Fé, n. 4, p. 46-63, 2010.
- LINDEPERG, Sylvie. O destino singular das imagens de arquivo: contribuição para um debate, se necessário uma "querela". *Revista Devires*, Belo Horizonte, v. 12, p. 12-27, 2015.



- LISSOVSKY, Mauricio. Quatro + uma dimensões do arquivo. In: MATTAR, Eliana (org.). *Acesso à informação e política dos arquivos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. p. 47-63.
- MACHADO, Patrícia. O que podem as imagens? Uma análise da tomada de registros testemunhais de manifestações de rua no Brasil em 2013. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 53-73, 2017.
- MBEMBE, Achille. The power of the archive and its limits. In: HAMILTON, Carolyn *et al.* (orgs.). *Refiguring the archive*. Londres: Kluwer Academic Publishers, 2002. p. 19-26.
- NAGLE, Angela. *Kill all normies: online culture war from 4Chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. Winchester: Zero Books, 2017.
- NOBRE, Marcos. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.
- ROUSSEFF, Dilma. [Prólogo]. In: ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria (orgs.). *Junho de 2013: a rebelião fantasma*. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 9.
- SAFATLE, Vladimir. 2013, por Safatle. *Outras Mídias*. [S. l.], 28 jun. 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/2013-segundo-safatle/>. Acesso em: 6 jan. 2024.
- SONTAG, S. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VASCONCELOS, Jorge; PIMENTEL, Mariana. *Coletivo 28 de Maio: arte e lutas minoritárias*. São Paulo: Editora Circuito, 2023.